

## R E S E N H A

REALE, Miguel. *Verdade e conjetura*. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 189.

No livro *Verdade e Conjetura*, Reale continua a meditação iniciada em *Experiência e Cultura*. No final daquele livro, ele se pergunta se poderíamos justificar uma experiência metafísica conjetural. Seu objetivo é explicar o pensamento metafísico, empreendimento que, assim lhe parece, cobra-se dos filósofos hoje em dia.

*Verdade e Conjetura* tem cinco capítulos. No primeiro, Reale investiga em que consiste o pensamento conjetural; no segundo, retoma a relação entre ser e pensar, historiando os principais momentos da problemática; no seguinte, usa o pensamento conjetural para examinar a liberdade e o valor, investigação que se completa no capítulo seguinte, onde conjetura sobre o ser da cultura. No quinto e último capítulo, Reale faz um balanço contemporâneo dos grandes temas da metafísica e termina com um ensaio intitulado Filosofia fenomenológica e existencial onde comenta o papel das filosofias de Edmund Husserl (1859-1938) e Martin Heidegger (1889-1976).

O objetivo essencial da obra é caracterizar o pensamento metafísico como pensamento conjetural, fazendo a passagem da metafísica dogmática para a crítica. A metafísica crítica abre mão de captar o noumeno, dada à impossibilidade da razão conhecê-lo como demonstrou Immanuel Kant. Para sustentar a idéia de uma metafísica conjetural, Reale atribui à conjetura *status* próprio. Dessa forma, não é preciso recorrer ao raciocínio analógico ou probabilístico para certifi-cá-la.

Para conferir *status* próprio à conjetura, Reale a distingue do pensamento probabilístico. Reconhece uma tendência para confundi-los: o discurso probabilístico avalia a possibilidade de um evento, enquanto os fundamentos da conjetura são diversos: suposições, razões de verossimilhanças que preenchem os brancos e os vazios deixados pela investigação positiva. Tais vazios são completados pela intuição, imaginação criadora e pelos esquemas metafóricos.

Diz o autor que os pensamentos analógicos e probabilísticos, que têm origem no sistema aristotélico, são incorporados na lógica e na epistemologia. Em contrapartida, o pensamento conjetural é deixado à margem como se não tivesse dignidade filosófica ou

científica. Reale pensa diversamente. Para ele, a conjectura está no âmago da verdade. Até hoje, na hora de definir a verdade, nem filósofos e nem cientistas chegaram a uma conclusão sem controvérsias.

Ao avaliar assim a conjectura, Reale não pretende cair no ceticismo ou relativismo. Ele entende que o pensamento tem pavor do vácuo, isto é, daquilo que não é explicado ou compreendido. Para o homem é essencial fazer conjecturas, pois elas enfrentam a problemática da verdade, preenchendo os vazios deixados pelo pensamento analógico e probabilístico.

Ao descrever o papel da conjectura na ciência, Popper procurou corrigir a falsa crença de que ela se funda nas observações. Foi Popper quem fez a distinção entre verossimilhança e probabilidade. A primeira “combina a verdade com o conteúdo, enquanto a probabilidade combina a verdade com a falta de conteúdo” (p. 24). Desenvolvendo a noção de refutabilidade, Popper considerou a conjectura como raciocínio provisório e ponto de partida do conhecimento. Ao pensar dessa forma, Popper aproximou a pseudociência e a metafísica. Reale discorda dele nos seguintes termos: “Um dos objetivos do presente livro é mostrar que a conjectura, longe de ser tão-somente algo de problematicamente inserido num processo de refutabilidade metódica, possui uma validade em si, tanto na vida comum como no plano científico (neste caso atuante como os palpites ou as antecipações a que se refere Popper) e também nos domínios da filosofia, o que revela a racionalidade de seus enunciados, embora diversos das assertivas de natureza científica” (p. 25).

Ao validar os pressupostos do pensamento conjectural, o autor acrescenta que o erro dos metafísicos é não questionar a possibilidade de alcançar a totalidade do saber. Esta atitude dogmática afasta o espírito crítico da metafísica. Os metafísicos erram por não reconhecerem os limites de tal conhecimento, e por utilizarem os mesmos instrumentos usados no estudo do ser. O Ser em si, para Reale, está além da nossa capacidade intelectual.

Mesmo com o repetido insucesso histórico, o homem insiste em captar a totalidade do real. Este fato revela a inevitabilidade da investigação metafísica e a impossibilidade de fazer abstração dela. Se considerarmos que do Ser nada pode ser enunciado, é inevitável a pergunta do Ser como abstração.

Já que há dificuldades no exame das questões metafísicas é necessário adotar uma posição crítica quanto à possibilidade deste conhecimento. Reale propõe uma análise crítica do pensamento metafísico, que para ele tem seu momento decisivo com Kant.

Martin Heidegger, por sua vez, ao reinterpretar a *Crítica da razão pura*, descobre uma intenção diferente, enxerga nela uma fundamentação metafísica. Como Hegel ele desenvolveu sua análise sem levar em conta o caráter gnosiológico da meditação kantiana. É deste ponto que Reale parte para tratar a metafísica kantiana sem subordiná-la ao enfoque existencial de Heidegger.

Para Reale, há dois tipos de metafísica na *Crítica da razão pura*, uma positiva e outra negativa. A primeira é uma teoria do conhecimento com pressupostos transcendentais. A outra é o entendimento da metafísica como problema, que não foi considerada por Heidegger. Esse pensamento problemático é aquele que apresenta uma possibilidade lógica, ou seja, posso pensar o que quiser com a condição de não me contradizer, mesmo que esse pensamento não passe de possibilidade.

O momento negativo no qual afirma a incapacidade de conhecer o objeto das indagações metafísicas pode tornar-se positivo. Como Reale concebe essa passagem da metafísica dogmática à metafísica crítica? Para ele, a transformação do momento negativo em positivo acontece à medida que se restringe o uso da razão ao aspecto experiencial.

Como exemplo de raciocínio problemático, Reale cita o ensaio *O princípio conjectural da história humana*, de Kant. Esse ensaio permite a compreensão que o homem tem “(...) consciência do que há de distinto na natureza, libertando-se do mundo repetitivo dos desejos naturais, para elevar-se até a esfera das opções livres” (p. 42). A cultura nasce dessa afirmação da liberdade, quando o homem descobre que faz escolhas diferentemente dos animais. Assim introduz na vida o sentido teleológico, a busca de algo distante, mas que guia as ações do presente. Daí a importância da conjectura para o conhecimento, pois mesmo neste plano conjectural, pensar é sempre escolher caminhos, é sempre julgar.

Conjeturar, para Reale, é pensar algo além do conceitualmente verificável, é conceber algo que complete o conhecimento que vem da experiência. Pelo pensamento conjectural a metafísica crítica, não se detém na fronteira de nossa finitude ela leva o homem a transcendê-la.

Para Reale, toda verdade nova decorre de uma escolha valorativa ante o real, de um ato livre que opera uma síntese. Dessa forma, os momentos da pesquisa científica, tais como: observação, hipótese, prova e integração; são condicionados pela liberdade, e esta se manifesta como imaginação criadora (pensamento conjectural). Portanto, até mesmo as pesquisas científicas estão imbuídas de pensamento conjectural. Dessa maneira, não há

conflito entre a investigação positiva e o pensamento conjectural, pois são diferentes e se completam.

Em apêndice no livro *Verdade e Conjetura*, Reale reproduz o texto da comunicação apresentada no IX Congresso Interamericano de Filosofia realizado em Caracas, em julho de 1977. Nele, Reale reafirma o valor do legado de Husserl e Heidegger. Husserl desenvolve a noção de *a priori* material, que completa a herança de Kant e é o ponto de partida para o desenvolvimento da noção de *a priori* cultural, que ele desenvolve. É mérito de Husserl o haver substituído a teoria da realidade pela teoria dos objetos, mudança importante para a compreensão ontognosiológica do pensamento conjectural e para a edificação da ética do homem situado. Heidegger identifica a temporalidade como dimensão essencial da vida, desbancando a aporia idealista de um ser transcendental estático (idem, p. 179). Cabe-lhe também o mérito de voltar às meditações pré-socráticas, que são a semente de nossa cultura. O texto desse apêndice revela a importância que Reale atribui a Husserl e Heidegger, entendendo suas filosofias como básicas para pensarmos a relação entre a imagem do mundo e do homem nas conjecturas que estamos desafiados a fazer.

*Acadêmica Marina Madeira – PIBIC/CNPq/UFSJ*  
*Prof. José Mauricio de Carvalho - UFSJ*